

JOHN LOCKE

ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:

Avelino da Rosa Oliveira

Gomercindo Ghiggi

Parte 10 — (§§ 128-133)¹

d§. 128. Observamos anteriormente que a variedade e a liberdade era o que mais entusiasmava e seduzia as crianças em suas brincadeiras; portanto, os estudos, ou qualquer coisa que desejassemos que aprendessem, não lhes deveriam ser impostos *como obrigação*. Os pais, os tutores e os professores tendem a esquecer esse fato, e a impaciência em mantê-las ocupadas em ações que sejam convenientes não os deixa usar quaisquer artifícios para persuadi-las. As crianças, entretanto, através das ordens constantes que lhes são dirigidas, logo distinguem entre o que lhes é exigido e o que não é. Uma vez que esse erro tenha tornado o estudo desagradável para o menino, a cura há que ser aplicada no outro extremo. E como será, então, muito tarde para esforçar-se em torná-lo uma diversão, deveis tomar o caminho contrário. Observai de qual brincadeira ele mais gosta; imponde-a e obrigai-o a dedicar-se a ela muitas horas por dia, não como punição por brincar, mas como se fosse a obrigação exigida dele. Se eu não estiver enganado, isso o tornará, em poucos dias, tão fatigado de sua brincadeira favorita que há de preferir os livros, ou qualquer coisa, a ela, especialmente se eles puderem livrá-lo de alguma parte da tarefa de brincar que lhe foi imposta, e se lhe for permitido empregar no estudo, ou em algum outro exercício realmente útil, uma parte do tempo destinado a sua *tarefa de brincar*. Creio que pelo menos esse é um método melhor que o da proibição (que geralmente aumenta o

¹ A tradução passou a ser publicada na edição n.13, 1999. (N. T.)

desejo) ou qualquer outra punição que seja empregada para corrigi-lo. Uma vez que lhe tenhais empanturrado o apetite (o que pode seguramente ser feito em todas as coisas, exceto no comer e no beber) e o tornado repleto do que quereis fazê-lo evitar, havereis inculcido nele o princípio de aversão e não tereis muito que temer seu ulterior desejo pela mesma coisa.

§. 129. Penso ser bastante evidente que as crianças normalmente odeiam permanecer inativas. Todo o cuidado, portanto, há que ser o de empregar constantemente sua inclinação ativa em algo que lhes seja útil. E se quiserdes alcançar esse fim, deveis apresentar como uma recreação, e não como uma *tarifa*, aquilo que desejais que elas façam. O modo de fazer isso, a fim de que não percebam vossa intervenção, é o aqui proposto, a saber, torná-las fatigadas daquilo que não desejais que façam, impondo-o e obrigando-as, sob um pretexto ou outro, a fazê-lo, até que estejam repletas. Por exemplo: vosso filho joga pião em demasia? Imponde-lhe jogar um certo número de horas todos os dias e observai que ele o faça. Vereis que logo ele há de enjoar-se e desejará abandonar a tarefa. Deste modo, tornando para ele uma *obrigação* as recreações que vos desgostam, ele há de se voltar com satisfação, por si próprio, para aquelas coisas que desejais que ele faça, especialmente se forem propostas como recompensa por terem cumprido sua tarefa naquele jogo que lhes foi ordenado. Pois, se lhe for ordenado jogar pião todos os dias, por um tempo tal que o deixe fatigado, não credes que ele se há de aplicar ao estudo com entusiasmo e que até há de reclamá-lo, se o prometerdes como recompensa por haver arduosamente jogado o pião durante todo o tempo prescrito? As crianças encontram pouca diferença entre as coisas que fazem, contanto que sejam adequadas a sua idade; o que lhes importa é fazer algo. O apreço que têm por uma coisa mais do que por outra, tomam-no emprestado dos outros. Assim, aquilo que as pessoas ao seu redor dizem ser uma recompensa, assim o será. À vista disto, fica na escolha daquele que as educa (*Governour*) se a amarelinha deve ser recompensa pela dança, ou se a dança pela amarelinha; se há de ser mais aceitável e prazeroso, o pião ou a leitura; se brincar de esconder ou estudar o globo. Seu único desejo é estar ocupadas, e ocupadas em coisas que imaginam ser de sua própria escolha, as quais recebem como concessão dos pais ou de outrem a quem respeitam e que reconhece seu merecimento.

§. 130. Com relação aos brinquedos, penso que as crianças devem tê-los, e de diversos tipos; entretanto, que fiquem sob a custódia de seus tutores, ou de alguma outra pessoa, de sorte que a criança tenha em seu poder apenas um de cada vez. E não se lhes deve permitir que tenham outro, senão quando restituam o anterior. Isso as ensina, desde muito cedo, a serem cuidadosas, a fim de que não venham a perder ou estragar as coisas que têm. De modo contrário, quantidade e variedade a seu dispor torna-as devassas e negligentes, além de cedo ensiná-las a ser dissipadoras e perdulárias. Admito que isso são coisas pequenas e que podem parecer indignas da atenção de quem as

educa (*Governour*). Entretanto, nada que possa formar a mente das crianças deve ser descuidado ou negligenciado. Tudo o que introduz hábitos e estabelece costumes merece o cuidado e a atenção de quem as educa (*Governours*) e não será algo pequeno em suas conseqüências.

Há mais uma coisa em relação aos brinquedos das crianças que deve merecer a atenção de seus pais. Embora seja consenso que elas devem tê-los de diversos tipos, ainda assim, penso que nenhum lhes deve ser comprado. Esse procedimento evitará aquela grande variedade com a qual são freqüentemente abarrotados e que só serve para ensinar a mente a buscar sempre mudanças e superfluidades, a tornar-se inquieta e a constantemente esforçar-se ainda por algo mais, embora sem saber o quê, e a nunca satisfazer-se com o que tem. A cortesia que se faz às pessoas de posses, através desse tipo de presentes a seus filhos, faz muito mal aos pequenos, pois assim se lhes ensina o orgulho, a soberba e a cobiça quase antes de aprenderem a falar. Conheci um menino tão agoniado com o número e a variedade de seus brinquedos que todo dia extenuava sua aia, fazendo-a conferir todos eles. E estava tão acostumado à abundância que nunca julgava que tivesse o suficiente; pelo contrário, estava sempre a indagar: o que mais? O que mais? Que coisa nova preciso ter? Que bom começo para moderar os desejos e que caminho adequado para tornar alguém feliz e satisfeito com o que tem!

Como, então, devem ter os brinquedos que lhes permitis, se nenhum lhes pode ser comprado? Respondo: eles próprios devem fazê-los ou, ao menos, esforçar-se para tal e aplicar-se à tarefa. Até que o consigam, não devem tê-los; e não haverão de desejar aqueles muito artificiosos. Uma pedrinha lisa, um pedaço de papel, o molho de chaves da mãe, ou qualquer coisa com que não possam machucar-se, serve para divertir as crianças tanto quanto aqueles brinquedos mais curiosos e onerosos das lojas, os quais logo são estragados e destrocados. As crianças nunca ficam aborrecidas ou de mau humor em virtude da falta de tais brinquedos, a menos que com eles tenham sido acostumadas. Enquanto são pequenas, qualquer coisa serve ao propósito; à medida que crescem, se não forem providas com as bobices dispendiosas dos outros, elas próprias os construirão. Com efeito, uma vez que se ponham a trabalhar em qualquer de suas invenções, devem ser ensinadas e auxiliadas; entretanto, não devem ter coisa alguma enquanto permanecerem preguiçosamente sentadas, esperando serem supridas pelas mãos dos outros, sem empregar as suas próprias. E se as auxiliardes quando estiverem em dificuldade, isso vos fará mais amados do que comprar quaisquer brinquedos dispendiosos. Sem dúvida, deveis dar-lhes brinquedos que estão acima de sua capacidade de construir, tais como piões, piorras, raquetes e assemelhados, os quais são usados com esforço. É conveniente que os tenham, não pela variedade, mas para que se exercitem. Também estes, entretanto, devem ser tão simples (*bare*) quanto possível. Se ganham um pião, então, o bastão e a feira de couro devem ser por elas mesmas construídos e prepara-

dos. Se cruzam os braços, esperando que tais coisas lhes caiam do céu, devem ficar sem elas. Isso as acostumará a buscar, por si próprias e através do próprio esforço, aquilo que querem. Assim, ser-lhes-ão ensinadas a moderação nos desejos, a aplicação, a industriiosidade, a inventividade, o planejamento e a economia, qualidades que lhes serão úteis quando forem homens feitos e que, portanto, jamais se poderá alegar que seja cedo demais para as aprenderem ou que estejam sendo inculcadas demasiadamente fundo. Todos os brinquedos e diversões das crianças devem ser direcionados à formação de hábitos bons e úteis; caso contrário, estabelecerão hábitos molestos. Qualquer coisa que façam deixa marcas sobre esta idade impressionável; a partir de então, recebem a tendência para o bem ou para o mal. E nada que tenha tal influência pode ser negligenciado.

§. 131. A *mentira* é um meio tão simples e cômodo de ocultar qualquer falta e está tão em moda entre todos os tipos de pessoas, que dificilmente a criança pode deixar de observar o uso que tem em todas as ocasiões. Assim, é difícil evitar, a menos que através de muito esforço, que com ela se envolva. Entretanto, é uma qualidade tão molesta, e mãe de tantas outras igualmente molestas que dela derivam em profusão e que sob a qual se abrigam, que o filho deveria ser criado tendo-lhe o maior horror que se possa imaginar. Diante dele, deve-se sempre referir-se à mentira (quando ocasionalmente vier-se a fazê-lo) com a máxima ojeriza, como uma qualidade tão absolutamente inconsistente com o nome e o caráter de um cavalheiro, que ninguém com alguma honra pode suportar a imputação de uma mentira. É uma marca considerada como máxima desgraça que rebaixa o homem ao grau mais baixo de vergonhosa inferioridade e o equipara à parte mais abjeta da humanidade e à horrenda ralé. Portanto, não pode ser tolerada em quem quer que deseje conviver (*converse*) com pessoas de nível ou gozar de estima e reputação. A primeira vez que seja flagrado a *mentir*, deve-se antes demonstrar surpresa, como diante de uma monstruosidade, a reprová-la como uma falta ordinária. Se isso não impedir a reincidência, na próxima vez, deve ser severamente repreendido e sentir o profundo descontentamento do pai, da mãe e de todos que em torno de si tomem conhecimento do fato. E se por estes meios não alcançardes a cura, sois obrigados a lançar mão das tundas, porque, depois de todas as advertências feitas, uma *mentira* premeditada deve ser sempre considerada como teimosia, e jamais se deve permitir que escape impune.

§. 132. Os filhos, receosos de permitir que suas faltas sejam vistas transparentemente, estarão dispostos, como todos os demais filhos de *Adão*, a buscar *desculpas*. Esta é uma falta vizinha da inverdade e que a ela conduz. Assim, não se lhe pode indulgenciar. Porém, para curá-la, deve-se preferir a vergonha à aspereza. Portanto, se, quando um filho for questionado por qualquer razão, sua primeira resposta for uma *desculpa*, adverti-o com seriedade a contar a verdade. Então, se persistir esquivando-se com uma *falsidade*,

precisa ser castigado. Mas, se confessar diretamente, deveis distingui-lo pela sinceridade e perdoar-lhe a falta, seja ela qual for. E perdoá-la de tal modo, que jamais torneis a mencioná-la ou a repreendê-lo. Porque, se quereis que ele ame a sinceridade e que, pelo exercício constante, torne-a um hábito, é imperioso que tenhais o cuidado de fazer com que ela jamais lhe cause o mínimo inconveniente. Entretanto, de modo contrário, sua própria confissão, além de ser sempre acompanhada de perfeita impunidade, deve ser encorajada por alguns sinais de aprovação. Se, em algumas ocasiões, sua *desculpa* for tal que não possais provar-lhe a falsidade, deixai-a passar por verdade e certificai-vos de não demonstrar qualquer suspeita. Permiti que ele mantenha sua reputação diante de vós tão elevada quanto possível, pois, uma vez que ele descubra que a perdeu, tereis perdido vosso maior e melhor amparo para influenciá-lo. Portanto, quanto puderdes evitar, sem recorrer a adulações, não o deixeis aceditar que, em vossa opinião, ele tem um caráter mentiroso. Portanto, alguns deslizes na verdade podem ser relevados. Mas, uma vez que o tenhais corrigido por uma *mentira*, assegurai-vos de jamais, daí em diante, desculpá-lo, sempre que o apanheis e o fizerdes ver que é culpado da mesma falta. Porque sendo uma falta que lhe foi proibida e que ele pode - a menos que aja de propósito - evitar, a reincidência é uma perfeita perversidade e lhe deve render o castigo devido por essa ofensa.

§. 133. Isso é o que penso com relação ao método geral da educação de um jovem cavalheiro. Embora me incline a supor que ele pode ter alguma influência sobre todo o curso de sua educação, ainda assim, estou longe de imaginar que contenha todas aquelas particularidades que os anos seguintes ou seu temperamento peculiar possam requerer. Entretanto, sendo estabelecidas estas premissas gerais, devemos, na etapa seguinte, descer para uma consideração mais particular das diversas partes de sua educação.

Avelino da Rosa Oliveira e **Gomercindo Ghiggi** são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram, em co-autoria, "Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa", em *Cadernos de Educação*, n.4 e o livro "O conceito de disciplina em John Locke", pela EDIPUCRS, em 1995. Ambos são mestres em Filosofia (PUCRS) e doutores em Educação (UFRGS). São integrantes do FEPráxis – Grupo de Pesquisa Filosofia, Educação e Práxis Social.

E-mails: avelino.oliveira@ufpel.edu.br - ggghiggi@terra.com.br